

## MODALIDADE SATÍRICA NA UTOPIA “IL MONDO SAVIO E PAZZO” DE ANTON FRANCESCO DONI

Regina Maria CARPENTIERI

Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP  
[recarpentieri@uol.com.br](mailto:recarpentieri@uol.com.br)

**Resumo:** Este trabalho pretende identificar o modo satírico em “Il Mondo Savio e Pazzo”, de Anton Francesco Doni, primeira utopia italiana, publicada em 1552. Doni vale-se da ironia e do cômico para apontar as incongruências da sociedade de seu tempo, o que empresta um tom satírico à sua utopia. Por meio do diálogo entre os personagens denominados “Louco” e “Sábio Acadêmico”, o autor contraria o senso comum, atribuindo falas coerentes a “Louco”, enquanto “Sábio” parece dizer sandices ao descrever uma cidade em forma estrelar, divida racionalmente, cujos habitantes vivem sob o princípio da igualdade. As alternativas sociais de “Il Mondo Savio e Pazzo” são apresentadas de maneira bem humorada e irônica: para não correrem o risco de sofrer por amor, seus habitantes instituíram o comunismo sexual, solução contestada por “Louco” que afirma não simpatizar com *este sistema de ser privado de um ardente desejo amoroso*. Para atingir o objetivo proposto, é necessário caracterizar “utopia” e “sátira”, enquanto gêneros literários, bem como fixar os limites que distinguem “sátira” de “modo satírico”.

**Palavras-chave:** gênero literário; utopia; sátira; modalidade satírica; Doni.

Assim como “sátira” e “modalidade satírica”, “gênero literário utópico”, ou “utopia”, e “modo utópico”, ou “utopismo”, não são noções de mesma ordem. Para se identificar a modalidade satírica na utopia “Il Mondo Savio e Pazzo”, de Anton Francesco Doni, é indispensável a compreensão destes termos. O texto integra uma série de diálogos e de discursos de autoria de Doni (cujos temas refletem o ideal político do autor), reunidos no livro “I Mondi”, publicado em 1552 em Veneza. À semelhança do livro “Utopia” de Thomas Morus (Londres, 1478 – Londres, 1535), o escritor florentino apresenta-nos, com humor e ironia, sua cidade em forma de estrela, concebida pela razão, cujos habitantes cultivam valores completamente diversos dos vigentes na sociedade de seu tempo. Assim, valendo-se do modo satírico, por meio do diálogo entre “Louco” e “Sábio”, Doni faz uma crítica severa à realidade italiana do século XVI.

Doni nasceu em Florença em 1516. Ao longo de sua vida publicou diversas obras, cujas ideias refletem seu espírito inquieto. Embora tenha se dedicado a diversos campos do saber, não se especializou em nenhum deles e isso transparece em seus textos. Suas publicações mais célebres são “La Zucca” (1551-1552), “I Mondi” (1552) e “I Marmi” (1553), esta última, considerada sua obra-prima, é o registro fictício de conversas de florentinos realizadas nos mármores da Igreja de Santa Reparata. Doni vivia da publicação de

seus textos, que eram direcionados ao povo através de uma linguagem mais simples. Morreu em Monselice, em 1574, tido como louco pelo povo da cidade<sup>1</sup>.

## I. Utopismo e Utopia

O utopismo é comumente caracterizado como o desejo a uma sociedade perfeita, uma atitude mental vinculada a um imaginário social alternativo à realidade existente. Segundo Racault, *o utopismo é uma projeção para fora do presente, uma aspiração a um “mundo melhor” situado no porvir*<sup>2</sup>. Esta consciência utópica se expressa na política, na história, na economia, no urbanismo etc. Nas utopias, esta intenção de construir um mundo novo, frente o aqui e agora, revela-se com destaque.

A utopia, enquanto gênero literário, constitui tema bastante controverso e de difícil definição. Esta imprecisão talvez decorra das distorções que o termo vem sofrendo ao longo do tempo. A palavra aparece pela primeira vez no livro de Thomas Morus, publicado em dezembro de 1516, em Louvain. O humanista inglês cria-a ao fundir o advérbio grego *ou* – “não” – ao substantivo *topos* – “lugar”. Assim, “Nenhum Lugar” é o nome da ilha visitada por Rafael Hitlodeu, navegador-narrador que descreve, minuciosamente, a Morus e a seu amigo Peter Gilles tudo o que viu em Utopia.

Bem, foi este o melhor relato que pude fazer-vos da República Utopiana. Em minha opinião, trata-se não apenas do melhor país do mundo, mas também do único que tem o direito de atribuir-se o nome de república<sup>3</sup>.

O sentido que “utopia” adquire como substantivo comum – sociedade perfeita – provavelmente origina-se do título completo do livro: “Sobre a Melhor Constituição de uma República e a Nova Ilha de Utopia”. O trocadilho com outro vocábulo grego – “eutopia” (lugar feliz ou afortunado) também é uma interpretação possível para este significado.

Conforme demonstra Trousson, a partir do século XVII, a palavra passa a designar não mais o livro de Morus, mas “país imaginário” e, posteriormente, “viagem imaginária”, ainda associada a textos literários. Já, a partir da segunda metade do século XVIII, o termo assume um tom negativo de irreabilidade, de impossibilidade. No século seguinte, o vocábulo ganha um caráter eminentemente ideológico ao se vincular à discussão política da época, que contrapõe o pensamento liberal-burguês às escolas socialistas anteriores a 1848, ano marcado por revoltas sociais que abalaram a Europa. Marx e Engels denominam de “socialismo utópico” o sonho inalcançável de uma sociedade concebida pelo esforço da razão. No século XX, a palavra readquire uma conotação positiva ao referir-se a aspirações progressistas e à possibilidade da construção de um mundo melhor<sup>4</sup>.

Assim, a variedade de sentidos que a palavra denota contribui para a dificuldade de se conceituar o gênero literário utópico. Nem todos os textos ficcionais que descrevem uma sociedade imaginária perfeita ou perfectível são utopias. No entanto, os estudiosos do tema são consentes que, dentro de sua diversidade, os textos literários classificados como utopias possuem características próprias que permitem agrupá-los em um gênero autônomo.

---

<sup>1</sup> BERRIEL, Carlos Eduardo O. *Revista Morus – Utopia e Renascimento – n° 1*, p. 129-132.

<sup>2</sup> RACAULT, Jean-Michel. *Revista Morus – Utopia e Renascimento – n° 6*, p.30.

<sup>3</sup> MORUS, Thomas. *Utopia*, p. 197.

<sup>4</sup> TROUSSON, Raymond. *Revista Morus – Utopia e Renascimento – n° 2*, p. 126.

Vosskamp aponta o vínculo estreito das utopias com a realidade histórica e social como um dos elementos do gênero e afirma que o processo de comparação crítica que o texto utópico promove *é o modo de comunicação específico das utopias literárias*<sup>5</sup>. Vosskamp igualmente destaca o caráter imagético destes textos e o tom satírico que permeia a descrição da cidade ideal, delineada de forma a expressar uma oposição axiológica entre o real e o imaginário:

As capacidades organizacionais do gênero literário utópico, que lhe permitem ser distinto de outros gêneros literários, consistem em uma específica mobilização textual de imagens de uma realidade descrita satiricamente e no desenho de imagens conceitualmente contrafactuais e opositivas<sup>6</sup>.

Racault afirma que as utopias são formas literariamente codificadas de sociedades imaginárias, cujos valores são opostos aos que regem o momento histórico em que foram escritas. Estes textos ficcionais pressupõem um deslocamento espacial em relação ao universo real (universo de referência do autor e do leitor) – o mundo descrito encontra-se geograficamente afastado. Este outro mundo é apresentado como existente no tempo da escrita e todo mecanismo social é narrado em minúcias, de forma a lhe atribuir verossimilhança. A estrutura dialógica de alguns textos utópicos permite a confrontação dos sistemas políticos: o viajante-narrador é o intérprete da comunidade descrita e o interlocutor seu debatedor<sup>7</sup>.

Seguindo a reflexão sobre os aspectos que caracterizam as utopias, Luigi Firpo afirma que *uma utopia para ser definida como tal deve ser global, radical e prematura*<sup>8</sup>. **Global**, porque envolve na sua totalidade o modo de viver dos homens em sociedade; **radical**, pois revela uma reviravolta nas estruturas sociais; e **prematura** por constituir uma proposta que ainda não reúne condições para se efetivar, como se o presente não estivesse preparado para ela. Esta última característica revela a crítica à realidade existente nos textos utópicos e a possibilidade de tais textos conduzirem à reflexão sobre um dado tempo histórico.

## II. Modalidade Satírica e Sátira

O termo “sátira”, mais antigo do que o criado por Morus, também vem sofrendo desvios de sentido ao longo dos séculos. Assim, em nossos dias, a palavra se refere, ao mesmo tempo, a um gênero literário, a um modo de perceber a realidade e expressá-la, a uma imitação irreverente dessa realidade ou ao drama satírico. No campo da Literatura, duas outras acepções do vocábulo são notadas: a) qualquer texto que procure punir ou ridicularizar algo ou alguém por meio da zombaria e da crítica direta; b) representação estética e crítica do que se considera errado (contrário às normas morais e legais vigentes)<sup>9</sup>.

---

<sup>5</sup> VOSSKAMP, Wilhelm. *Revista Morus – Utopia e Renascimento – n° 6*, p. 437.

<sup>6</sup> VOSSKAMP, Wilhelm. *Revista Morus – Utopia e Renascimento – n° 6*, p. 437.

<sup>7</sup> RACAULT, Jean-Michel. *Revista Morus – Utopia e Renascimento – n° 6*, p.30-33.

<sup>8</sup> FIRPO, Luigi. *Revista Morus - Utopia e Renascimento n° 2*, p. 228.

<sup>9</sup> SOETHE, Paulo Astor. *Sobre a Sátira: Contribuições da Teoria Alemã na década de 60*. Disponível em [www.periodicos.ufsc.br/index.php/fragmentos/article/.../6014/5559](http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/fragmentos/article/.../6014/5559), acesso em 1 de outubro de 2011.

No presente trabalho, interessa apenas a sátira enquanto gênero literário. No entanto, antes de tratar deste tema, cabe esboçar, em linhas gerais, o conceito de modalidade satírica, recurso amplamente utilizado por Doni em “Il Mondo Savio e Pazzo”.

Da mesma maneira que identificamos o utopismo em obras que não pertencem ao gênero utópico, o modo satírico permeia textos que não constituem sátiras propriamente ditas. Este procedimento literário é marcado pela ironia, pelo humor e pela graça. Ribeiro define-o como *um ataque humorado nos campos da moral, da religião, da política ou da literatura, que podemos encontrar expressos em vários gêneros*<sup>10</sup>. O riso assume um papel crítico e polêmico. Assim, o modo satírico, tão caro às utopias, confirma o preceito Horaciano de “dizer a verdade rindo” (*ridentem dicere verum*).

Por sua vez, a sátira, como a utopia, é um gênero de difícil conceituação, tendo em vista a multiplicidade de formas sob as quais se apresenta e a gama de temas que discute. Soethe assinala que muitos estudiosos da Teoria Literária comparam a sátira a Proteus, personagem da Odisseia de Homero: um “velho do mar” capaz de assumir diferentes formas quando quer escapar de indagações<sup>11</sup>.

A sátira tem sua primeira formalização literária em Menipo de Gadara (ss. IV - III a.C.). Diógenes Laércio (200 d.C. – 250 d.C.), no século III, recuperou, em fontes secundárias, algumas informações sobre Menipo, no entanto, apenas os títulos de algumas de suas obras chegaram até nós. Varrão e Luciano introduziram a sátira menipeia na literatura latina.

As sátiras de Varrão (Rieti, 116 a.C. - 27 a.C.) são ditas menipeias porque imitam as de Menipo, são adaptações e não traduções. Pouco do que se conhece sobre Varrão e seus trabalhos, deve-se a Cícero (Arpino, 106 a.C. – Formia, 43 a.C.):

Em trabalhos antigos – escritos como adaptações, e não como traduções, de Menipo – misturamos temas especificamente filosóficos com assuntos de retórica e dialética, salpicados de hilaridade, para que os leitores menos informados pudessem ser atraídos à sua leitura por seu caráter jocoso<sup>12</sup>.

No trecho acima, duas características da sátira menipeia são relacionadas: a miscelânea de formas e de temas e o caráter sério-cômico, este último como forma de tornar os textos mais acessíveis a leitores menos letrados e de tratar de assuntos importantes de maneira menos empolada e mais atraente.

Assim, no século I da nossa era, em Roma, duas tradições da sátira se apresentam: a lucílica (romana) e a menipeia (grega). A primeira é a principal expressão literária dos romanos e seus grandes nomes são Horácio (Venúcia, 65 a.C. – Roma, 8 a.C.) e Juvenal (Aquino, 55 d.C. - Roma, 127 d.C.). A segunda, de certa forma, consiste na continuação da tradição satírica grega, cujos principais representantes são Varrão e Luciano. Como forma de distingui-las, os próprios romanos desenvolveram dois critérios de classificação: um formal (diz respeito ao gênero literário) e outro moral (relacionado à função social). A sátira romana se expressa em versos hexâmetros e possui finalidade moralizante – o riso é instrumento de denúncia dos vícios do homem. A menipeia não tem restrição formal, assume caráter híbrido,

<sup>10</sup> RIBEIRO, Ana Cláudia Romano. *Revista Morus – Utopia e Renascimento n° 6*, p. 140.

<sup>11</sup> SOETHE, Paulo Astor. *Sobre a Sátira: Contribuições da Teoria Alemã na década de 60*. Disponível em [www.periodicos.ufsc.br/index.php/fragmentos/article/.../6014/5559](http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/fragmentos/article/.../6014/5559), acesso em 1 de outubro de 2011.

<sup>12</sup> Rego, Enylton de Sá. *O Calundu e a Panacéia – Machado de Assis, a sátira menipeia e a tradição luciânica*, p. 32.

misturando prosa e verso. Sua função moral nem sempre se manifesta, o riso está presente, mas não para propagar princípios morais e bons costumes.

A fim de se estabelecer o elo de influências entre a sátira menipeia e o gênero literário utópico, é importante tecer algumas considerações sobre a obra de Luciano de Samósata (125 d.C.-192 d.C). Vale lembrar que Morus era leitor assíduo de Luciano e que, juntamente com seu amigo Erasmo (Roterdã, 1466 – Basileia, 1536), traduziu as sátiras luciânicas. Além disso, coube a Anton Francesco Doni a primeira edição italiana de “Utopia” (a publicação se deu em Veneza em 1548). A tradução desta edição foi realizada por Ortensio Lando (Milão, 1510 – Nápoles, 1558), amigo de Doni e o principal porta-voz de Erasmo na Itália.

Neste contexto, a obra de Luciano sobressai como a mais importante. Como veremos, foi ela em grande parte a maior responsável pela ligação entre a tradição grega da sátira menipeia e o seu aproveitamento literário a partir do Renascimento, com as traduções dela feitas por Erasmo e por Thomas More<sup>13</sup>.

Luciano escreveu diálogos, ensaios, narrativas, exercícios de retórica, encômios, pseudo-encômios etc. Rego afirma que a sátira menipeia encontra seu ápice em Luciano e, ao enumerar as características da obra deste escritor, defende que devemos substituir a expressão “sátira menipeia” por “tradição luciânica” ou “lucianismo”, tendo em conta que as sátiras de Luciano *definem ao mesmo tempo um espírito e um método*<sup>14</sup>.

Valendo-se de Mikhail Bakhtin, Rego relaciona cinco características das sátiras de Luciano e, por conseguinte, segundo sua concepção, da sátira menipeia:

- a)** união de gêneros clássicos da literatura grega (principalmente o diálogo filosófico e a comédia), que revela um discurso híbrido, em que estão presentes poesia e prosa e diferentes estilos de linguagem - populares e elevados;
- b)** uso sistemático da paródia de textos clássicos e contemporâneos;
- c)** liberdade de criação artística, não se restringindo a uma representação realista da história;
- d)** caráter ambíguo e não moralizante do texto – cumpre ao leitor a conclusão sobre a moralidade do texto. Por meio da ambiguidade, da ironia e do lúdico, as opiniões e os valores dos personagens são relativizados. Seriedade e comicidade coexistem sem uma prevalecer sobre a outra;
- e)** ponto de vista distanciado do narrador ou *kataskopos* – esta característica apresenta-se de três formas distintas: a) um narrador que, presente no texto, observa tudo do alto (por exemplo, da Lua); b) um observador ausente que é mero expectador; e, c) um narrador que, presente, não deixa identificar sua visão de mundo.

Como vimos, Luciano desempenhou um papel fundamental na formação literária e humanística de Morus e de outros utopistas. A título de exemplo, em “Utopia” encontramos diversas passagens ambíguas, cheias de ironia e humor. O título da obra já demonstra esta ambiguidade: Rafael Hitlodeu (sobrenome que etimologicamente significa “contador de disparates”) descreve um lugar exemplar, localizado em nenhum lugar, cujo governante não tem povo (“Ademos”). É interessante notar a referência explícita que Morus faz a Luciano: na biblioteca dos habitantes de Utopia é possível encontrar as obras do satirista de Samósata.

<sup>13</sup> Rego, Enylton de Sá. *O Calundu e a Panacéia – Machado de Assis, a sátira menipeia e a tradição luciânica*, p. 30.

<sup>14</sup> Rego, Enylton de Sá. *O Calundu e a Panacéia – Machado de Assis, a sátira menipeia e a tradição luciânica*, p. 67.

Falar de coisas sérias revestindo-as de humor e ironia permite ao escritor aproximar-se de seus leitores e tecer considerações de toda ordem sem efetivamente revelar sua opinião. Nesse sentido:

Como diz More em seu prefácio às traduções de Luciano, tais escritos atendem à exortação horaciana a que a literatura una o deleite à instrução (CW, III, Parte I, 3); em sua segunda carta a Giles, ele indica ser essa a razão pela qual optou por um espírito sério cômico para Utopia (PP.208-9). Mas More também se sentia atraído pela tradição de *serio ludere* por outra razão, mais profunda, A mente dividida, complexa – capaz de enxergar uma questão sob vários ângulos e pouco propensa a comprometer-se definitivamente com uma única posição -, inclina-se naturalmente para o discurso irônico; e o *serio ludere* – no qual a galhofa pode servir para atenuar ou invalidar qualquer afirmação - é um dos grandes veículos da ironia<sup>15</sup>.

Morus, conscientemente, usa estes recursos satíricos em “Utopia” e, valendo-se da tradição luciânica, cria um novo gênero - o utópico.

### III. “Il Mondo Savio e Pazzo” e a modalidade satírica

É possível examinar “Il Mondo Savio e Pazzo”, de Anton Francesco Doni, a partir das características apresentadas por Rego e tendo em vista a definição de modalidade satírica.

No “Discurso do Elevado Acadêmico Peregrino em nome de toda a Academia”, escrito que abre *I Mondi*<sup>16</sup>, Doni apresenta o motivo que o levou a escrever o livro, ou seja, refletir *sobre este e outros Mundos*<sup>17</sup>. Em sua utopia, Doni mescla o diálogo e o discurso filosófico, usando linguagem coloquial. Antes de iniciar o diálogo com “Louco”, “Sábio Acadêmico Peregrino” - o porta-voz do mundo imaginário - concede ao leitor a faculdade de chamar-lhe sábio ou louco, diante das coisas que ele irá descrever. Nesta mesma linha irônica e lúdica, “Sábio” relata um episódio que ocorreu na “Era dos Adivinhos” para concluir que até o mais sábio corre o risco de enlouquecer<sup>18</sup>.

Eu, pois, cogitando criar um mundo de sábios e ter nome de sábio, duvido que não me torne louco, e que não crie o mundo dos loucos; mas eu vos juro pela minha fé, que, se vós sábios leitores não entrastes ainda no mundo dos loucos, contra a vossa vontade vos farei entrar<sup>19</sup>.

No trecho acima, o uso da ambigüidade, recurso presente em todo texto, é evidente. A cidade que “Sábio” apresenta, por vezes, assemelha-se ao melhor dos mundos, mas, em certos aspectos, a liberdade individual é tão restrita, que “Louco” chama de *vida de besta* o cotidiano dos habitantes. O próprio título da utopia indica esta dualidade.

<sup>15</sup> LOGAN, George M. e ADAMS, Robert M. Introdução à *Utopia*, p. XXXIII.

<sup>16</sup> “Il Mondo Savio e Pazzo” integra uma coletânea de textos, de cunho político e social, de autoria de Doni, intitulada “I Mondi”.

<sup>17</sup> DONI, Anton Francesco Doni. *Revista Morus – Utopia e Renascimento nº 1*, p. 134.

<sup>18</sup> Ortensio Lando, em 1543, publicou “I paradossi”. Seu quinto paradoxo consiste em demonstrar que é melhor ser louco, que sábio. Doni, ao que parece, compartilha do argumento de seu amigo escritor e tradutor.

<sup>19</sup> DONI, Anton Francesco Doni. *Revista Morus – Utopia e Renascimento nº 1*, p. 138.

Ainda no que concerne ao hibridismo formal, o diálogo permite o confronto entre o mundo real e o idealizado, a alternância entre a descrição de “Sábio” e os comentários de “Louco” e o efeito ambíguo do modo satírico. A visão utópica é confiada a personagens que trocam de papel e de identidade num sutil jogo de espelhos, confundindo o leitor.

A segunda característica da tradição luciânica presente no texto consiste na utilização da paródia, isto é, da *prática textual que se refere prioritariamente a outra prática textual*<sup>20</sup>. Este procedimento literário, segundo Rego, exprime-se em três formas: paródia a gêneros literários, paródia a temas e idéias presentes na literatura contemporânea e paródia a citações diretas ou indiretas de escritores antigos em contexto diverso do original.

A principal referência de Doni é, sem dúvida, a segunda parte de “Utopia”. A escolha da estrutura dialógica como procedimento narrativo, o tema da comunidade política ideal e do governante virtuoso, a análise crítica da sociedade existente por meio da invenção de uma outra comunidade, a forma geométrica perfeita da cidade imaginária e sua concepção racional, o princípio da comunidade de bens e a agricultura como principal atividade econômica, o equilíbrio das paixões, a exata correspondência entre igualdade e justiça são valores caros a Morus e presentes em ambas as utopias.

A citação literária de outros escritores não está presente no diálogo de Doni, mas apenas na introdução de “I Marmi”, onde faz referências a Esopo, Ovídio, Luciano e Dante, entre outros. Sua utopia não trata, de maneira elaborada e profunda, de questões elevadas do humanismo (ao contrário do que faz Morus e, mais tarde, Tommaso Campanella), mas privilegia apenas os detalhes da vida cotidiana. O fato de Doni escrever para o povo e não para a elite culta talvez justifique esta ausência. Berriel denomina “Il Mondo Savio e Pazzo” de *utopia plebeia do cinquecento*<sup>21</sup>.

A liberdade de criação artística de Doni revela-se no modo como os habitantes de “Mondo Savio e Pazzo” solucionam os problemas de ordem prática da cidade. O utopista não demonstra preocupação com a veracidade histórica. Enfrenta as limitações impostas por uma apreensão realista, abrindo mão, algumas vezes, da verossimilhança, mas sem comprometer a coerência do mundo que retrata. As considerações que Ribeiro faz sobre este tema na obra de Morus podem ser transpostas ao texto utópico de Doni:

Morus, à diferença de Luciano, elabora uma ficção que se quer verossímil; ela é, porém, constituída de elementos inverossímeis, tanto em grandes linhas como no detalhe (...). Tais inverossimilhanças, porém, têm como referencial a realidade efetiva, que é para onde o leitor se volta constantemente ao ler a “Utopia”. Este me parece ser um dos pontos centrais do gênero utópico: a utopia é um instrumento crítico paradoxal, que, ironicamente, age pela descrição de instituições irrealizáveis. Deste jogo entre verossímil e inverossímil decorre a ambigüidade e a ironia do texto<sup>22</sup>.

Doni reconstrói as instituições públicas, a economia, a religião, os costumes e os valores sociais, a fim de representar de maneira crível e completa sua sociedade. Os aspectos físicos da cidade e sua geometria racional contribuem para isso. No entanto, recorre a elementos inverossímeis dando um tom irônico e ambíguo ao texto.

<sup>20</sup> Rego, Enylton de Sá. *O Calundu e a Panacéia – Machado de Assis, a sátira menipéia e a tradição luciânica*, p. 52.

<sup>21</sup> BERRIEL, Carlos Eduardo O. *Revista Morus – Utopia e Renascimento – nº 1*.

<sup>22</sup> RIBEIRO, Ana Cláudia Romano. *Revista Morus – Utopia e Renascimento nº 6*, p. 143.

O mundo que “Sábio” descreve nasce-lhe a partir de uma visão, na qual também aparecem Júpiter e Momo (deus da zombaria). No início de seu relato, “Sábio” surpreende-se com a beleza e as peculiaridades das imagens e chega a pensar que o que lhe pareceu um sonho era o mundo real. Doni utiliza-se da ironia e da ambiguidade para fazer com que o leitor compartilhe das visões conflitantes de “Sábio”, num jogo recorrente entre o sonho e a realidade.

No mundo descrito por Doni, as enfermidades são curadas com a ingestão *de certa bebida espirituosa de risagallo*. Os corcundas, mancos e caolhos são jogados num poço para evitar que incapazes atrapalhem o perfeito funcionamento da cidade. Os filhos pertencem à comunidade e desconhecem quem são seus pais, isso para evitar a dor da morte e a disputa por bens hereditários. Estes são exemplos da imaginação exuberante de Doni. Nota-se a busca de princípios éticos que assegurem a unidade social.

Para o escritor florentino, a fonte de todos os problemas que assolam o mundo é a vontade desenfreada do homem de ficar rico. Este desejo o afasta de sua natureza boa e pura e gera desigualdades e injustiças sociais<sup>23</sup>. Eliminar a propriedade privada é o único meio de se assegurar a igualdade absoluta. Na cidade, cada habitante desenvolve suas inclinações e realiza trabalhos e incumbências em benefício da coletividade. Os artesãos não buscam o lucro, todos se vestem iguais, comida e bebida estão à disposição, não existem jogatinas, as pessoas não se apaixonam porque *o amor consiste na privação da coisa amada*<sup>24</sup>. Assim, eliminando-se a posse de bens e controlando-se as paixões garante-se o equilíbrio social. Num comentário preciso, “Louco” diz a “Sábio”: *Será preciso que troquemos teu nome pelo meu, porque dizes coisas de maluco*<sup>25</sup>. Assim, relacionando sandices com humor, e, ao mesmo tempo, tratando de questões sérias, Doni, num procedimento satírico, *diz a verdade rindo*. Pode-se dizer, portanto, que a característica da ambiguidade também esta presente na utopia de Doni. O caráter moralizante não transparece de forma evidente. “Sábio” e “Louco” mais discordam do que consentem. Cumpra ao leitor aceitar a opinião de um ou de outro.

A última característica relacionada por Rego e presente em “Il Mondo Savio e Pazzo” é o ponto de vista distanciado do narrador. Embora presente no texto, o narrador não deixa evidente sua opinião. Ao mesmo tempo em que descreve o mundo que visitou, “Sábio” faz considerações sobre os costumes dos cidadãos e o projeto urbanístico da cidade. Por sua vez, “Louco” intervém na narrativa para fazer objeções. Deste diálogo, extrai-se a crítica social à sociedade italiana do cinquecento, elemento essencial do gênero utópico. No entanto, apesar deste “julgamento” do mundo real, Doni deixa espaço para o leitor tirar suas conclusões.

Assim, tendo em vista as considerações expostas, é possível afirmar que “Il Mondo Savio e Pazzo”, de Anton Francesco Doni, insere-se na tradição luciânica. Para escrever sua utopia, o autor florentino inspirou-se em Luciano de Samósata e elaborou um texto literário valendo-se de características da sátira. O elemento essencial da utopia – o vínculo com a história – revela-se na invenção de um mundo novo e, em contrapartida, na crítica à realidade social. Tudo permeado de humor, ironia e ambiguidade.

#### IV. Referências bibliográficas

<sup>23</sup> Doni acredita que o homem possui uma índole boa, porém frágil, e que, um dia, a humanidade viveu um tempo áureo, em que homem e natureza constituíam uma unidade perfeita.

<sup>24</sup> DONI, Anton Francesco Doni. *Revista Morus – Utopia e Renascimento nº 1*, p. 142.

<sup>25</sup> DONI, Anton Francesco Doni. *Revista Morus – Utopia e Renascimento nº 1*, p. 139.



- BERRIEL, Carlos Eduardo O. “Uma utopia plebeia do Cinquecento: Mondo Savio e Pazzo”. In: *Revista Morus – Utopia e Renascimento*, Campinas, nº 1, 2004, p. 129-133.
- DONI, Anton Francesco Doni. *Il Mondo Savio e Pazzo*. Tradução Carlos Eduardo O. Berriel. In: *Revista Morus – Utopia e Renascimento*, Campinas, nº 1, 2004, p. 134-146.
- LOGAN, George M. e ADAMS, Introdução. In: MORE, Thomas. *Utopia*. Organização George.M. Logan e Robert. M. Adams. Tradução Jefferson L. Camargo e Marcelo B. Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- MORE, Thomas. *Utopia*. Organização George.M. Logan e Robert. M. Adams. Tradução Jefferson L. Camargo e Marcelo B. Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- RACAULT, Jean – Michel. “Da ideia de perfeição como elemento definidor da utopia”. In: *Revista Morus – Utopia e Renascimento*, Campinas, nº 6, 2009, p. 29-45.
- REGO, Enylton de Sá. *O Calundu e a Panaceia. Machado de Assis, a sátira menipeia e a tradição luciânica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.
- RIBEIRO, Ana Cláudia Romano. “A Utopia e a Sátira”. In: *Revista Morus – Utopia e Renascimento*, Campinas, nº 6, 2009, p. 139-147.
- SOETHE, Paulo Astor. *Sobre a Sátira: Contribuições da Teoria Alemã na década de 60*. Disponível em [www.periodicos.ufsc.br/index.php/fragmentos/article/.../6014/5559](http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/fragmentos/article/.../6014/5559), acesso em 1 de outubro de 2011.
- VOSSKAMP, Wilhelm. “A organização narrativa da imagem e da contraimagem na poética das utopias literárias”. In: *Revista Morus – Utopia e Renascimento*, Campinas, nº 6, 2009, p. 436-446.